



Estudo de nomes em uso em Riachão do Jacuípe/BA: uma comparação entre duas sincronias do século XXI

Anderson Brandão¹
Natal Almeida Simões Neto²

RESUMO:

Neste artigo, faz-se uma análise de prenomes utilizados na cidade de Riachão do Jacuípe, município do interior da Bahia, através de registros encontrados em uma escola municipal da cidade. Foram utilizados documentos dos anos de 2002 e 2022, o que permitiu fazer uma análise linguística e histórica dos prenomes em uso. Os aspectos analisados foram: (a) nomes mais recorrentes; (b) frequência de nomes inovadores e nomes tradicionais; (c) uso de nomes duplos, bem como as suas formas de organização; (d) processos morfológicos atinentes aos nomes inovadores. A partir desses aspectos, comparando-se as duas sincronias, os resultados apontam que, atualmente, os prenomes usados na cidade tendem ao tradicionalismo, fato que deve ser analisado também do ponto de vista sócio-histórico.

PALAVRA-CHAVE:

Antropônimos;
Prenomes;
Morfologia;
Estudo em tempo real.

1 Introdução

¹ Graduando do curso de Letras – Inglês (Licenciatura) pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4772-2858>, E-mail: andersonbrandaum@gmail.com.

² Doutor em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Professor Assistente da Universidade Estadual de Feira de Santana. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7972-2396>, E-mail: nativalneto@gmail.com.

A Onomástica é a disciplina da Linguística que se dedica ao estudo dos nomes próprios, por meio de duas grandes vertentes: a Toponomástica, que se volta à toponímia (repertório de nomes de lugares), e a Antroponomástica, que direciona a sua atenção para a antroponímia (repertório de nomes de pessoas). Este artigo³ se compromete com a vertente da Antroponomástica, por meio da análise de determinados aspectos atinentes aos prenomes utilizados por um grupo de habitantes da cidade de Riachão do Jacuípe, cidade do interior da Bahia que pertence à Região Metropolitana de Feira de Santana.

Dentro da Antroponomástica, muitos são os tipos de antropônimos que podem ser estudados. Neste trabalho, o foco será dado aos prenomes. Os dados analisados são oriundos de registros de matrícula e atas de resultados de uma escola municipal de Riachão de Jacuípe/BA, a Escola Municipal Abraão Ferreira Santiago, nos anos de 2002 e 2022. O fato de os dados serem advindos de documentos da esfera do serviço público garantiu fiabilidade ao trabalho, permitindo empreender uma confiável investigação linguístico-histórica. Do ponto de vista linguístico, são observados os seguintes aspectos: (a) a presença de prenomes tradicionais e inovadores, bem como de prenomes próprios simples e duplos; (b) os processos de formação dos nomes inovadores; (c) os processos de organização dos prenomes duplos; e (d) os prenomes mais recorrentes no *corpus* e as possíveis motivações. Do ponto de vista histórico, faz-se um cotejo entre os prenomes de estudantes matriculados nos anos de 2002 e 2022, caracterizando, nesse sentido, um estudo de mudança em tempo real de curta duração. Assim, os aspectos linguísticos foram observados em duas sincronias, a fim de fazer uma comparação e estabelecer diferenças e/ou manutenções de tendências de nomeação.

Feitas estas considerações iniciais na seção 1, o artigo se organiza da seguinte maneira: (a) na seção 2, discute-se a tipologia dos prenomes em uso no português do Brasil; (b) a seção 3 descreve os processos morfológicos atinentes aos nomes em uso no território brasileiro; (c) na seção 4, são apresentados o *corpus* e os procedimentos metodológicos; (d) a seção 5 traz a análise dos dados; (e) a seção 6 faz as considerações finais; (f) por fim, as referências.

³ Este trabalho apresenta parte dos resultados do trabalho de conclusão de curso do estudante de graduação em Letras-Ingês Anderson Brandão. O trabalho intitulado “A antroponímia em Riachão do Jacuípe/BA: uma análise linguística e histórica” foi defendido na Universidade Estadual de Feira de Santana, em 28 de novembro de 2022. Foi aprovado com nota 9,5, recebendo indicações de publicação por parte da banca.

2 Antropônimos no português do Brasil: aspectos tipológicos

A tipologia é um aspecto bastante relevante para o estudo dos antropônimos, pois explora a diversidade estrutural e funcional dos nomes de pessoas. Amaral (2011) propõe uma tipologia dos nomes personativos no Brasil, apresentando-os como uma classe heterogênea que abarca tanto nomes oficiais (ortônimos) quanto outros nomes pelos quais as pessoas são conhecidas de maneira não oficial (alônimos). Para os ortônimos, Amaral (2011) fornece a seguinte definição:

Identificamos inicialmente o *ortônimo* (do grego *ort(o)* = correto, normal + *ónoma* = nome de uma pessoa), que corresponde com o nome civil completo. O NDA (2009) define “nome civil” como “nome de pessoa tal como fi gura no registro civil”. A esse nome estamos chamando *ortônimo*. No Brasil, o ortônimo está constituído por prenome e sobrenome(s) (AMARAL, 2011, p.69, grifos do autor).

Nesse conceito, o ortônimo é qualquer nome próprio tal como consta no registro civil. Ainda segundo Amaral (2011), a classe dos ortônimos é formada por prenomes e sobrenomes. Sobre prenomes, ele explica:

O *prenome*, ou *primeiro nome*, é o antropônimo que antecede o sobrenome. Geralmente distingue o indivíduo dentro de grupos sociais de sua intimidade. Também é denominado *nome de batismo* por todos os dicionários e, pelo DEHLP (2009) e NDA (2009), *antenome*. Pode ser simples e composto. No primeiro caso, apresenta apenas um item lexical antroponímico (*José*) e, no segundo, mais de um (*José Maria*). (AMARAL, 2011, p.70).

Assim, de acordo com a abordagem de Amaral (2011), no ortônimo *Gabriela Soares Oliveira*, haveria *Gabriela* como prenome simples; e no ortônimo, *Amaril Romilson Oliveira Silva*, haveria *Amaril Romilson* como prenome composto.

Em relação aos alônimos, Amaral (2011) explica que esses são os antropônimos que “não correspondem com os nomes oficiais garantidos pela legislação e atribuídos ao indivíduo no registro civil” (AMARAL, 2011, p.71). Nesse trabalho, o autor apresenta seis subcategorias de alônimos. São elas:

- **Hipocorístico:** geralmente, surge nas relações familiares, fruto de diminutivos, aumentativos ou abreviações do nome, podendo ser percebido no uso de *Nando* como um hipocorístico de *Fernando*.
- **Alcunha ou apelido:** nome atribuído por outrem que, geralmente, remete a características físicas ou intelectuais do sujeito, podendo ser ou não ofensivo. U

exemplo é o apelido *Bozo* sendo atribuído ao então presidente Jair Bolsonaro, em referência ao palhaço que fez sucesso na década de 80.

- Pseudônimo: diz respeito ao antropônimo do indivíduo que, por alguma razão, não quer ou não pode usar o nome oficial em suas atividades. Um exemplo é Julinho da Adelaide, que foi usado pelo compositor Chico Buarque de Hollanda, quando ficou proibido de gravar suas próprias canções.
- Heterônimo: geralmente usado em contextos artísticos, trata-se de um nome alternativo que traz consigo propriedades estilísticas específicas, no que se difere do pseudônimo. Exemplos conhecidos são os heterônimos de Fernando Pessoa: Ricardo Reis, Alberto Caeiro e Álvaro de Campos.
- Nome artístico ou nome de palco: é o nome escolhido por causa da atividade profissional, como é o caso de Pablo Vittar, nome artístico de Phabulo Rodrigues da Silva.
- Nome de guerra: semelhante ao pseudônimo, mas com carga pejorativa, pois é comumente usado em atividades mal avaliadas socialmente, como a prostituição. Bruna Surfistinha era o nome de guerra de Rachel Pacheco. É também usado em contextos militares ou na prática de capoeira, mas, nesses casos, não há pejoratividade.

Numa versão mais atualizada da tipologia dos antropônimos no Brasil, Amaral e Seide (2020) adicionam à categoria de alônimos os seguintes tipos:

- Codinome: utilizado para ocultar a identidade do indivíduo, possuindo traço negativo, pois geralmente está associado a atividades criminosas. Um exemplo é Fernandinho Beira-Mar, usado por Luiz Fernando da Costa.
- Nome religioso: empregado por membros de comunidade religiosa, como exemplo, há o nome papal Francisco, utilizado por Jorge Mario Bergoglio.
- Nome social: usado especialmente por pessoas transexuais e travestis, adequando-se ao gênero com o qual se identificam e se reconhecem socialmente.
- Nome de urna: usado quando o candidato se registra na Justiça Eleitoral, sendo o nome que figura na urna eletrônica.
- Nome parlamentar: usado pelo indivíduo eleito ao tomar posse a um cargo legislativo.

Ainda que sejam vastas as categorias de antropônimos, este estudo, como informado em seção anterior, se voltará à categoria dos ortônimos, particularmente

os prenomes, avaliando-se os aspectos de tradição e inovação e de configuração morfológica, que será explorada na seção a seguir.

3 Aspectos morfológicos dos prenomes em uso no Brasil

Nesta seção, apresenta-se uma breve discussão acerca dos processos de formação de palavras que são acionados na criação de antropônimos no Brasil. Entre os processos mais descritos pelos autores, estão a composição e a afixação, mas há outros que merecem comentários.

3.1 Composição

Em relação aos antropônimos, é comum se referir a prenomes compostos, quando um ortônimo é formado por dois ou mais prenomes. Isso pôde ser visto no trabalho de Amaral (2011). Entretanto, Souza (2009) prefere usar o termo *nomes duplos* para casos de nomes formados por dois prenomes, evitando o termo *composto*, consagrado na literatura de morfologia, pois entende que há uma questão de unicidade semântica que recai sobre os nomes compostos comuns que não se percebe nos antropônimos. Isso não é dizer que não se possa falar, em hipótese alguma, de compostos em antropônimos. Muito pelo contrário, pode-se aventar, pelo menos, três estratégias de composição nesse contexto formativo: (a) compostos justapostos; (b) compostos aglutinados; (c) compostos bitemáticos.

Os compostos justapostos são aqueles em que as palavras envolvidas preservam a sua integridade fonológica, podendo ser realizadas juntas ou separadas, com ou sem hífen. No caso dos antropônimos, os nomes duplos, como *Rosa Maria* e *Ana Meire*, seriam subtipos de justapostos, somando-se a casos de *Rosamaria*, *Rosabela*, *Rosalinda*, *Anabela*, *Anameire*, que são exemplos dados por Monteiro (2002).

Os compostos aglutinados são aqueles em os vocábulos “que se subordinam a um único acento tônico e sofrem perda de sua integridade silábica” (CUNHA; CINTRA, 2007, p.119). Exemplos dados por Monteiro (2002) são: *Rosalva*, *Rosalba*, *Maristela*, *Lucélio*, *Lindalva* e *Marilena* (MONTEIRO, 2002, p. 206).

Por último, os compostos bitemáticos são explicados por Rodrigues (2016) como uma herança do contato de romanos e germânicos na Península Ibérica. Comenta a autora:

dois elementos do léxico comum são unidos para formar um composto personativo, por exemplo, no caso de *Teodorico* (*Teodo* “povo” + *rikus* “rico,

poderoso”). Havia também a formação monotemática, que eliminava o segundo componente e adicionava um formativo final como em *Teoda* (Teodo + *ila* <diminutivo>); ou que poderia resultar da redução de um nome bitemático como *Menendo*, que é uma palavra reduzida de *Menendez* (RODRIGUES, 2016, p. 26, grifos da autora).

Na composição bitemática, segundo Rodrigues (2016), os elementos envolvidos eram palavras do léxico comum que, muitas vezes, correspondiam a fatos míticos, religiosos, qualificativos e sentimentais. A seguir, há um quadro em que Rodrigues (2016) ilustra a estrutura morfológica bitemática com formativos germânicos, identificados nos prenomes da antroponímia brasileira:

Quadro 1 – Antropônimos a partir da recuperação etimológica dos formativos germânicos

ADALFREDO: <i>athal</i> , al. mod. <i>edel</i> , <nobre> e <i>frid</i> , al. mod. <i>Friede</i> , <paz>, <pacificador nobre>
ADALBERTO: <i>athal</i> , al. mod. <i>edel</i> , <nobre> e <i>bertho</i> , <brilhante>, <guerreiro brilhante>
ARNALDO: <i>Aar</i> , <águia> e <i>wald</i> , <forte, potente> <águia poderosa, forte>

Fonte: RODRIGUES, 2016, p. 27.

3.2 Afixação: prefixação e sufixação

A afixação se apresenta como um dos processos de formação de palavras mais conhecidos na criação de nomes comuns. Na cunhagem de novos antropônimos, nota-se também uma presença maciça de nomes formados por afixação. Os mecanismos cognitivos acionados para a formação de nomes próprios não são diferentes daqueles vistos em nomes comuns. Dessa maneira, quando um falante de uma língua é exposto a um conjunto de palavras com a mesma estrutura, ele passa a apreender esquemas formativos a partir desta exposição, estabelecendo categorizações que são utilizadas em suas próprias construções. Por exemplo, um falante, exposto a *reparação*, *exibição*, *articulação* e *atribuição*, pode abstrair um esquema que diz que ‘verbo + -ção’ forma substantivos abstratos com ideia de ação, processo ou resultado de um evento expresso pelo verbo da base. A partir disso, ele pode formar verbos novos, como *pegação*, *encheção*, *meteção* e *problematização*. Nesse mesmo sentido, Soledade (2021) trata da formação de nomes próprios:

O mesmo se dá com nomes próprios de pessoas: o falante do português primeiro adquire nomes individuais e, após uma exposição suficiente a um conjunto de palavras com semelhante formação, o esquema de nomes pode ser apreendido. Desse modo, após a incorporação de nomes como *Adalberto*, *Alberto*, *Roberto*, *Aguinaldo*, *Arnaldo*, *Geraldo*, *Edgar*, *Edmar*, *Edmundo* ao seu léxico antroponímico, os falantes do português brasileiro teriam generalizado

esquemas que permitiram a construção de nomes próprios neológicos como *Rosiberto, Rosualdo, Edrose* (SOLEDADE, 2021, p. 31, grifos da autora).

Em se tratando dos neologismos antroponímicos, e levando-se em consideração a questão do seu esvaziamento semântico, Soledade (2021) sugere rever a questão da nomenclatura. Em alguns contextos, evitam-se termos como prefixo e sufixo. Nessa concepção, o prefixo passa a ser chamado de elemento à esquerda; o sufixo, elemento à direita. Sobre os elementos à esquerda dos antroponímicos, eles podem estar “associados tanto a formativos antroponímicos parcialmente presos (*-van, -nara, -lane, -milson*) ou a antropônimos plenos (*Jane, Nilton, Vando*)” (SOLEDADE, 2021, p. 37, grifos da autora), como em *Edvan, Ednara, Edlane, Edmilson, Edjane, Ednilton* e *Edvando*. Têm, entretanto, produtividade inferior aos processos que utilizam os elementos à direita, sobre os quais, Soledade (2021) deduz que tenham mais, por informarem aspectos do gênero, norteando o batismo pelos pais. Por exemplo, o *-ildo* em *Vandeildo* e *Edenildo* é um formativo de margem direita que atribui o gênero masculino aos nomes com ele formados.

3.3 Derivação imprópria

No contexto da antroponímia, a derivação imprópria, consiste, sobretudo, na migração de nomes comuns para a categoria de nomes personativos, sendo recorrentes os casos de prenomes que correspondem a nomes de plantas como “*Azaleia, Hortênsia, Rosa, Begônia, Madressilva, Margarida, Magnólia*” (MONTEIRO, 2002, p. 206, grifos do autor).

3.4 Braquissemia

Outro método utilizado pelos pais para nomear seus filhos é a braquissemia. Esse processo se dá quando um hipocorístico, uma das categorias dos alônimos — geralmente originado de um diminutivo ou abreviação de um prenome, fruto das relações familiares — passa a registrado em cartórios (RODRIGUES; VIARO, 2021). Monteiro (2002) apresenta alguns exemplos: *Alex*, um ortônimo comum no Brasil, é braquissemia do hipocorístico de *Alexandre*; *Max*, de *Maximiliano*; *Elis*, de *Elisabete*; *Fani*, de *Estefânia*; e *Isa*, de *Isabel*.

3.5 Acrossemia

A acrossemia caracteriza-se pelo “truncamento dos elementos significantes dos formativos” (RODRIGUES; VIARO, 2021, p. 90). Os prenomes assim constituídos relacionam-se muito com a ideia da formação bitemática germânica. Geralmente, mantêm-se os elementos iniciais dos prenomes, sendo um processo muito recorrente quando os pais querem fazer homenagens aos avós do bebê, aos padrinhos ou até a eles mesmo (RODRIGUES; VIARO, 2021). Exemplos de Monteiro (2002) são: *Fredericindo*, acrossemia de *Frederico* e *Gumericindo*; *Jomar*, de *José* e *Maria*; *Erlice*, de *Ernesto* e *Alice*.

3.6 Empréstimo

O empréstimo, de maneira mais evidente, acontece quando um nome estrangeiro é importado para o português. Entretanto, segundo Rodrigues e Viaro (2021), pode se revelar também pela incorporação de letras estrangeiras (k, w, y) e pela utilização de consoantes geminadas, como os duplos n, l e t, gerando uma escrita pseudoetimológica. Nesses casos, há um exercício de aproximação entre as fonologias do português brasileiro e de línguas estrangeiras.

3.7 Splinter

Por último, há ainda a possibilidade de uso de *splinters* na formação de nomes próprios. Sobre esse termo, Lehrer (1988) o apresenta como “um pedaço, não necessariamente morfêmico, tomado de uma forma modelo, que aparece em novas construções lexicais, como por exemplo: *-gate* (Watergate, irangate etc.) e *-thon* (marathon, bikathon etc.)” (LEHRER, 1998, *apud* SIMÕES NETO; SOLEDADE, 2018, p. 1322). Em se tratando do português brasileiro, Gonçalves (2016) esclarece que esses formativos podem ser estrangeiros, como o *cyber-*, de *cybernetics*, que dá origem a *cybercafé* e *cyberataque*, ou nativo, como o *caipi-*, de *caipirinha*, em *caipirosca*, *caipicaju*, *caipimorango*. Em relação aos antropônimos, Simões Neto e Soledade (2018) sugerem que, a partir de nomes tradicionais, como *Wilson*, *Nelson*, *Nilson* e *Anderson*, surgiram splinters antropônimos como *-elson/-ilson*, usados em *Adilson*, *Joelson*, *Edilson*, *Marielson*, e *-erson/ -irson*, usados em *Esteferson*, *Iverson*, *Vanderson*.

4 Constituição do *corpus* e procedimentos metodológicos

Os dados analisados neste artigo são oriundos de dois diferentes documentos da Escola Municipal Abraão Ferreira Santiago, localizada em Riachão do Jacuípe-BA. A primeira fonte consta de cinco atas de resultados do letivo de 2002, com 76 nomes personativos, de estudantes da 1ª à 8ª série do Ensino Fundamental. A segunda fonte é um conjunto de documentos de matrícula da própria secretaria da instituição, com 98 antropônimos de estudantes do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, do ano de 2022. Essa segunda fonte é atualizada digitalmente. Para acessar a relação de nomes que consta desses documentos públicos municipais, foi feita uma solicitação formal que continha: a) nome da instituição universitária; b) nome do orientador, bem como sua titulação acadêmica; c) nome do orientando, bem como a quais fins reservava-se a pesquisa; e d) nome da diretora da instituição escolar, bem como seu endereço.

Depois de recolhidos os prenomes, foi feita a caracterização linguística desses. No primeiro momento, foi feita a verificação dos prenomes em três dicionários de nomes próprios, a saber: a) o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Tomo II (Nomes Próprios), de Antenor Nascentes, de 1952; b) o *Dicionário Onomástico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado, de 1981; e c) o *Dicionário Etimológico de Nome e Sobrenomes*, de Rosário Mansur Guérios, também de 1981. A partir da consulta a esses dicionários, foram atribuídos os rótulos de “nomes tradicionais”, para aqueles constavam em pelo menos uma das obras lexicográficas, ou “nomes inovadores”, para aqueles que não constavam em nenhum dos três dicionários, e nem na Bíblia, considerada uma fonte de nomes tradicionais, dada a difusão do cristianismo na cultura brasileira. Essa categorização em nomes inovadores e tradicionais está relacionada à decisão do projeto *Dicionário de Nomes em Uso no Brasil*, coordenado por Juliana Soledade (UFBA) e Patrícia Vieira (INEP), ao qual este artigo se vincula. Conforme o projeto:

Serão considerados no conjunto da antroponímia tradicional brasileira todos os prenomes constantes em Nascentes e Machado que figurem entre os nomes em uso segundo os dados do site Nomes no Brasil, produzido a partir Censo IBGE 2010. Além disso, devemos considerar que a nossa cultura se circunscreve dentro do escopo da cultura judaico-cristã e que, ademais, nas últimas décadas do século passado o Brasil tem vivido o advento do movimento neopentecostal que tem se refletido sobremaneira na (re)introdução de nomes da tradição bíblica na onomástica nacional. Assim, também serão considerados no conjunto dos nomes tradicionais aqueles que, embora não constem da lexicografia machadiana ou nascentina, se façam presentes na Bíblia e figurem nos dados do Nomes no Brasil (SOLEDADE; VIEIRA, 2017, p. 6).

Com base nas diretrizes do referido projeto, neste trabalho, foram classificados como tradicionais os nomes *Maria*, *Aristeu* e *Magno*. Assim, na ausência do registro, como ocorreu por exemplo com os prenomes *Antonivalda* e *Arilma*, o pesquisador classificou o prenome como inovador.

Em se tratando dos prenomes duplos, eles foram tomados como um prenome só e foi analisada a maneira como eles estavam estruturados: se era do tipo tradicional + tradicional, tradicional + inovador, inovador + tradicional ou inovador + inovador. Nessa classificação, analisou-se a frequência de cada padrão de formação, apresentando-se os resultados em porcentagem. Em relação aos nomes inovadores, foram feitas algumas considerações acerca dos processos de formação.

5 Análise dos dados

Na análise dos dados, o primeiro aspecto observado no corpus foi a frequência dos nomes. Entre os 76 prenomes vistos em 2002, houve raras repetições de prenomes, destacando-se, entre os dois nomes mais comuns, *Maria* e *Antonio*, ambos com duas ocorrências. Todas as ocorrências se deram em contextos de prenomes duplos: (a) *Maria* teve posição fixa como o segundo prenome, acompanhando sempre um prenome inovador (*Arilma Maria* e *Valdelice Maria*); (b) *Antonio* não teve posição fixa definida, mas acompanhando um prenome tradicional (*Antonio Jorge* e *Adones Antonio*). Entre os 98 prenomes vistos em 2022, o prenome *Maria* continuou se destacando pela frequência e se realizando em contextos de prenomes duplos. A diferença foi que, dessa vez, nas sete realizações encontradas, *Maria* encabeçou a estrutura antroponímica: *Maria Alice*, *Maria Clara*, *Maria Eduarda*, *Maria Elisa*, *Maria Izabel*, *Maria Júlia* e *Maria Laura*. Vale ressaltar também que, diferentemente de 2002, em que *Maria* acompanhou nomes inovadores, em 2022, *Maria* apareceu acompanhando sempre nomes tradicionais.

Pelo fato de *Maria* ter continuado com alta incidência nos dados da região, esperava-se o mesmo para *Antônio* em 2022. Entretanto, isso não aconteceu, pois outros prenomes tradicionais passaram a se destacar na antroponímia de Riachão do Jacuípe: i) *Ana* (com sete registros); ii) *Vitória* e a variante *Victória* (com cinco registros); iii) *Davi* e a variante *David* (com três registros); iv) *Ruan*, *Carlos* e *Guilherme*, com três registros cada. Houve também três realizações do inovador *Kaique~Kayck~Kaycy*. Em relação ao prenome *Antônio*, notou-se que as suas realizações em 2022 apresentaram as seguintes propriedades: (a) apareceu em duas realizações; (b) acompanhou prenomes tradicionais (*Antonio Dymas* e *Antonio*

Fabricio); (c) apareceu sempre como primeiro elemento da estrutura antroponímica, comportamento diferente do que se viu em 2002.

O segundo aspecto observado no quadro de análise foi a presença dos nomes inovadores, após a consulta lexicográfica nos dicionários supracitados. A Tabela 1 apresenta os resultados dessa etapa.

Tabela 1 – Nomes inovadores e tradicionais em Riachão do Jacuípe-BA

Tipos	Ano de 2002		Ano de 2022	
	Quantidade	Percentual (%)	Quantidade	Percentual (%)
Nomes inovadores	45	59,21	40	40,82
Nomes tradicionais	31	40,79	58	59,18
Total	76	100	98	100

Fonte: elaborada pelos autores.

A partir da Tabela 1, pode-se dizer que os percentuais das tendências praticamente se inverteram, quando se comparam as sincronias distanciadas em 20 anos. Em números absolutos, a diferença na frequência de uso de nomes inovadores não foi expressiva, mas, em termos percentuais, notou-se uma queda significativa, pois, em 2002, 59,21% dos prenomes observados eram inovadores, ao passo que, em 2022, esse percentual foi de 40,82%. Isso apontou uma tendência à tradição, que foi também preponderante entre os nomes que mais se realizaram no corpus.

Em 2002, entre os prenomes inovadores estavam: *Adagilson, Adênio, Adilson, Adinaildo, Adriele, Amaril, Antonivalda, Arilma, Djailson, Edilton, Enacleidiane, Evangivaldo, Frédson, Georgevan, Geane, Gileno, Gleciana, Glebem, Idatil, Indiara, Iradilma, Jailma, Jardiel, Jasoniel, Jobson, Josevaldo, Janilson, Jerry, Kelly, Laiane, Luana, Marileide, Marivania, Neidson, Quétsia, Rediane, Renivanda, Ronei, Rivaldo, Romilson, Reila, Valdecília, Valdelice, Valneide e Werles*. Já em 2022, os prenomes considerados inovadores foram: *Adilma, Alandson, Alexia, Andrey, Aurileide, Braylan, Claudiney, Daniele, Deivison~Deivson, Dhemerson, Evillyn~Evilyn, Eychila, Eduarda, Geovana, Gessica, Hebert, Heloíse, Iarley, Ilana, Ionan, Ian, Ivandevaldo, Jislayne, Jociel, Juan, Kellven, Kaiky~Kaique~Kayck, Keylla, Luan, Laisne, Lorrane~Lorrayne, Luana, Luelbert, Maicon, Raydja, Sandesson, Saymon, Thaylan, Taêmily e Yohana*.

O terceiro aspecto observado na análise foi a quantidade de prenomes duplos ante os simples. Em 2002, dos 76 antropônimos registrados, 35 eram duplos, configurando-se como 46,05% do total. Os casos foram: *Adênio Rômulo, Adilson Nery, Adones Antonio, Adriano Rivaldo, Adriele Luana, Amaril Romilson, Ana Fátima, Antonio Jorge, Arilma Maria, Aristeu Mágnio, Camila Reila, Carlos Sandro, Charles Frédson, Claudiane Geane, Cleber Zózimo, Djailson João, Elmo Fabiano, Ely Mateus, Gleciana Jôse,*

Laiane Reila, Moisés Janilson, Neidson Jerry, Quétsia Mariana, Rafael Cleiton, Renivanda Patrícia, Robson Cássio, Romério Ronald, Ronei Mariano, Samara Cristina, Valdecília Bárbara, Valdelice Maria, Valneide Luíza, Washington Glebem, Werles Salvio e Wilma Kelly.

Em 2022, a abundância de prenomes duplos continuou sendo observada. Do total de 98 ortônimos registrados nesse período, 60 eram duplos, o que gera um percentual de 61,22%, havendo, portanto, um aumento percentual em relação a 2002. Os casos encontrados em 2002 foram: *Alandson Kaique, Alexia Vitória, Alonso Brayan, Ana Beatriz, Ana Karoline, Ana Letícia, Ana Victória, Ana Vitória, Andreia Victória, Andressa Clara, Antonio Dymas, Antonio Fabricio, Arthur Gabriel, Breno Guilherme, Bruno Vinícius, Carlos Eduardo, David Kellven, Deivson Allexandre, Deivson Guilherme, Edgar Davi, Eduardo Luan, Êmilly Thainá, Enzo Daniel, Evillyn Alessandra, Evillyn Laisne, Eychila Sofia, Geovana Gessica, Guilbert Levi, Hebert Mateus, Heloíse Catarina, Iarley Dhemerson, Ingrid Lorraine, Ionan Natalício, Ítalo Gabriel, Italo Ian, Ivandevaldo Jorge, João Henrique, José Henrique, Keylla Gabrielle, Lavinnya Valentina, Luan Thaylis, Maicon Guilherme, Marcos Thaylan, Maria Alice, Maria Clara, Maria Eduarda, Maria Elisa, Maria Izabel, Maria Júlia, Maria Laura, Pedro Elias, Raydja Maysa, Riquelme Ruan, Roberto Carlos, Ruan Carlos, Saulo Ladislau, Saymon Kaiky, Tâmara Monik, Vitória Isabele e Yohana Lorrayne.*

Quanto à maneira como os prenomes duplos estavam organizados, fez-se a Tabela 2, a seguir.

Tabela 2 – Nomes duplos em Riachão do Jacuípe-BA

Organização morfológica	Ano de 2002		Ano de 2022	
	Quantidade	Percentual (%)	Quantidade	Percentual (%)
Tradicional + Tradicional	10	28,58	35	58,33
Tradicional + Inovador	6	17,14	11	18,33
Inovador + Tradicional	13	37,14	7	11,67
Inovador + Inovador	6	17,14	7	11,67
Total	35	100	60	100

Fonte: elaborada pelos autores.

Em relação a 2002, os dados da Tabela 2 apontam que: (i) a construção baseada na formação “inovador + tradicional” foi a de maior incidência: *Adênio Rômulo, Adilson Nery, Arilma Maria, Djailson João, Quétsia Mariana, Renivanda Patrícia, Romério Ronald, Ronei Mariano, Samara Cristina, Valdecília Bárbara, Valdelice Maria, Valneide Luíza e Werles Salvio*; (ii) logo em seguida, a estrutura “tradicional + tradicional” foi a que mais se destacou: *Adones Antonio, Ana Fátima, Antonio Jorge, Aristeu Mágnio, Carlos Sandro, Cleber Zózimo, Elmo Fabiano, Ely Mateus, Rafael Cleiton, Robson Cássio*; (iii) empataram os nomes personativos formados por “tradicional +

inovador” (Adriano Rivaldo, Camila Reila, Charles Frédson, Moisés Janilson, Washington Glebem e Wilma Kelly) por “inovador + inovador” (Adrielle Luana, Amaril Romilson, Claudiane Geane, Gleciana Jôse, Laiane Reila e Neidson Jerry).

Quanto a 2022, pôde ser notado que: (i) a constituição predominante foi a “tradicional + tradicional”: Ana Beatriz, Ana Leticia, Ana Victória, Ana Vitória, Andreia Victória, Andressa Clara, Antonio Dymas, Antonio Fabricio, Arthur Gabriel, Breno Guilherme, Carlos Eduardo, Edgar Davi, Enzo Daniel, Evillyn Alessandra, Guilbert Levi, Heberte Mateus, Heloíse Catarina, Ionan Natalício, Ítalo Gabriel, João Henrique, José Henrique, Lavinnya Valentina, Maria Alice, Maria Clara, Maria Eduarda, Maria Elisa, Maria Izabel, Maria Júlia, Maria Laura, Pedro Elias, Riquelme Ruan, Robertos Carlos, Ruan Carlos, Saulo Lasdilaue Vitória Isabele; (ii) em seguida, veio a configuração “tradicional + inovador”: Alonso Brayan, Ana Karoline, Bruno Vinícius, David Kellven, Eduardo Luan, Êmilly Thainá, Evilyn Laisne, Ingride Lorrane, Italo Ian, Marcos Thaylan e Tâmara Monik; (iii) empataram os prenomes duplos do tipo “inovador + inovador” (Alandson Kaique, Geovana Gessica, Jarley Dhemerson, Keylla Gabrielle, Luan Thaylis, Saymon Kaiky e Yohana Lorrayne) e “inovador + tradicional” (Alexia Vitória, Deivison Allexandre, Deivson Guilherme, Eychila Sofia, Ivandevaldo Jorge, Maicon Guilherme e Raydja Maysa). Em relação a esse tópico, notou-se, mais uma vez, uma tendência à tradição em 2022.

Por último, foram observadas as questões morfológicas atinentes aos nomes inovadores. Esse aspecto foi analisado de maneira qualitativa. O primeiro fato observado foi que a influência da composição bitemática germânica teve considerável expressão, através, sobretudo, dos nomes neológicos com formativos *-valdo*, *val-* e *-ilma*. Sobre *-valdo*, Rodrigues (2016), leitora de Nascentes (1952), explica que ele aparece frequentemente

[...] ocupando a última posição (ou base mais à direita), encontram-se a maior parte dos modelos, com 20 39 ocorrências: Adroaldo, Aguinaldo, Arnaldo, Arquibaldo, Beraldo, Bernaldo, Clodoaldo, Euvaldo, Evaldo, Geraldo, Givaldo, Heraldado, Osvaldo, Reginaldo, Reinaldo, Teobaldo, Ubaldo, Vilibaldo, Vinebaldo e Vivaldo (RODRIGUES, 2016, p.38, grifos da autora).

A pesquisadora ainda aponta que esse formativo corresponde “ao ‘*walt/wald*’ germânico, que significa aquele que governa ou ainda ‘forte’, ‘poderoso’ (RODRIGUES, 2016, p. 37, grifos da autora). Apesar de *-aldo*, *-naldo* e *-valdo* serem as variantes de um mesmo formativo, não houve outro registro no corpus além de *-valdo*. Em 2002, os prenomes que apresentaram esse formativo foram os inovadores *Evangivaldo*, *Josevaldo*, *Rivaldo*, que se referem ao gênero masculino, e *Antonivalda*, que pela terminação em “a”, refere-se ao gênero feminino, uma variação desse formativo. Em 2022 só houve esse formativo no inovador *Ivandevaldo*. Como

elemento de primeira posição, *val-/vald-* apareceu em 2002, nos nomes inovadores *Valdecília*, *Valdelice* e *Valneide*. Não houve registros do seu uso em 2022.

Em relação ao formativo *-ilma*, Rodrigues (2016) sugere que ele possa ter relação com o germânico *helm*, fazendo referência a elmo, proteção, sendo uma variação feminina do formativo masculino *elmo*, que foi encontrado no nosso *corpus*: *Elmo*, prenome tradicional de 2002. No *corpus* não ocorreu o prenome *Ilma*, mas, em 2002, encontraram-se os registros de *Arilma*, *Irادilma* e *Jailma* e, em 2022, *Adilma*.

Saindo da composição bitemática germânica clássica, vale mencionar a presença do formativo *-son* na antroponímia jacuipense. Em 2002, houve uma expressiva incidência, aparecendo nos tradicionais *Robson* e *Jefferson*, nos inovadores *Frédson*, *Jobson* e *Neidson* e nos também inovadores *Adagilson*, *Adilson*, *Djailson*, *Janilson* e *Romilson*, que acionam o *splinter -ilson*. Em 2022, notou-se uma leve queda de registros em seu uso, figurando somente no tradicional *Jefferson* e nos inovadores *Alandson*, *Deivson*, *Deivison*, *Dhemerson* e *Sandesson*, que destacam os *splinters -erson* e *-esson*.

Outros processos destacáveis foram a braquissemia e a acrossemia. Quanto à braquissemia, o único exemplo do *corpus* foi *Jose*, prenome inovador atestado em 2002 que pode ser entendido como uma abreviação dos antropônimos dicionarizados *Josefa* (MACHADO, 1981) e *Joseane* (GUÉRIOS, 1981). Considerou-se classificar alguns prenomes à luz do processo de acrossemia, mas, pela falta de acesso aos prenomes dos pais ou outros parentes, essa análise ficou no plano da sugestão. Em 2002, *Antonivalda* pode ter sido uma mistura de *Antônio* com algum nome terminado em *-valda*, como *Nivalda*, *Vivalda*, *Edivalda*. *Georgevan* pode ser uma mescla de *George* (MACHADO, 1981) e *Vânia* ou *Vanilda* (MACHADO, 1981). *Jailma* pode ser de *Jair* ou *Jairo* (MACHADO, 1981) com *Ilma*. Em 2022, o inovador *Jociel* pode ter sido uma mistura de *José* e *Maciel* (GUÉRIOS, 1981).

Por fim, pelo fenômeno do empréstimo, ficaram, assim, caracterizados, em 2002, os tradicionais *Charles*, *Cleiton* (pronúncia portuguesa de Clayton), *Ely*, *Jefferson*, *Ronald*, *Washington*, *Wellington* e *Wilma* e os inovadores *Jerry*, *Kelly* e *Werles*. Em 2022, caracterizaram-se, desse mesmo modo, os tradicionais *Arthur*, *Allexandre*, *Dymas*, *Êmilly*, *Gabrielle*, *Jhonatas*, *Lavinnya*, *Monik*, *Robert*, *Sarah*, *Thaylis*, *Wendel*, *Yasmim* e *Yure* e os inovadores *Andrey*, *Brayan*, *Claudiney*, *Deivson*, *Dhemerson*, *Evillyn*, *Evilyn*, *Eychila*, *Guilbert*, *Iarley*, *Jislayne*, *Kaiky*, *Kaique*, *Kayck*, *Karoline*, *Kellven*, *Keylla*, *Lorrayne*, *Raydja*, *Saymon*, *Taêmily*, *Thaylan*, *Thayram* e *Yohana*.

6 Considerações finais

Neste trabalho, foi apresentado um estudo de mudança em tempo real de curta duração. O objeto de investigação foi a atribuição de prenomes em Riachão do Jacuípe, município do interior baiano, em 2002 e 2022. A análise dos dados apontou que, nessa cidade, apesar de os nomes inovadores serem bastante frequentes, os nomes tradicionais, como *Maria*, *Ana*, *Antonio*, *Davi* e *Vitória*, são aqueles que apresentam maior número de repetições.

Quanto à presença de nomes inovadores e tradicionais, notou-se que, em 2002, os inovadores apareciam em maior quantidade no *corpus*, situação que se inverteu em 2022, com os tradicionais se mostrando mais salientes.

O uso de nomes duplos foi um fenômeno bastante característico nas duas sincronias observadas, tendo havido um aumento significativo de 2002 para 2022. Em 2002, o padrão de combinação “inovador + tradicional” era o mais produtivo, mas, em 2022, o padrão “tradicional + tradicional” foi o que mais se destacou. Por essa via, também pôde-se perceber um caminho para o tradicionalismo antroponímico.

Embora não tenha sido empreendida uma análise desse retorno ao tradicionalismo, é possível sugerir que alguns fenômenos sociais possam ter contribuído para isso. Alguns deles são: (a) popularização de determinados meios de comunicação, através da inclusão digital promovida pelo acesso massivo à internet e à TV digital; (b) interiorização da educação superior, através da institucionalização de faculdades, universidades e institutos na região ou em regiões próximas; (c) aumento da população evangélica, sobretudo de orientação neopentecostal. Todos esses fenômenos podem contribuir para um avanço do tradicionalismo, seja pelo aspecto normativo que se institui em muitos contextos de (a) e (b), seja pela força da tradição cristã, como em (c). Ainda precisam ser feitos mais estudos para se verificar tal sugestão. Espera-se que este artigo tenha sido um convite para isso.

Referências

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. Contribuições para uma Tipologia de Antropônimos do Português Brasileiro. *Alfa*, São Paulo, p. 63-82, 2011.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. **Nomes Próprios de Pessoas: Introdução à Antroponímia Brasileira**. São Paulo: Blucher, 2020.

BRANDÃO, Anderson. **A antroponímia em Riachão do Jacuípe/BA: uma análise linguística e histórica**. 2022. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Inglês) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.

GUÉRIOS, Rosário Mansur. **Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes**. 1981.

LEHRER, Adrienne. Prefix in English word formation. **Folia Linguistica**, Berlim, v. XXIX, n. 1-2, p. 133-148, 1998

MACHADO, José Pedro. **Dicionário Onomástico da Língua Portuguesa**. 1981.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia Portuguesa**. 4. Ed. Campinas: Pontes, 2002.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa: nomes próprios**. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1952. Tomo II.

RODRIGUES, Letícia Santos. **Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil**. 2016. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

RODRIGUES, Letícia Santos; VIARO, Mário Eduardo. Antroponímia brasileira: considerações sobre neologia a partir do modelo bitemático germânico. In: SIMÕES NETO, Natival Almeida; SOLEDADE, Juliana. (Orgs.). **Nomes próprios: abordagens linguísticas**. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 75-98.

SIMÕES NETO, Natival Almeida; SOLEDADE, Juliana. Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 26, n. 3, p. 1295-1350, 2018.

SOLEDADE, Juliana. Antropônimos, uso e cognição. In: SIMÕES NETO, Natival Almeida; SOLEDADE, Juliana (Orgs.). **Nomes próprios: abordagens linguísticas**. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 17-50.

SOLEDADE, Juliana; VIEIRA, Patrícia. **Projeto Novo Dicionário de Nomes em Uso no Brasil: Objetivos e métodos**. Brasília, 2017.

SOUZA, Ana Carolina Horta de. A recorrência de *Anas* e *Antônios* na formação dos nomes duplos na antroponímia baiana. In: OLIVEIRA, Klebson; CUNHA E SOUZA, Hirão F.; GOMES, Luís (org.). **Novos tons de Rosa... para Rosa Virgínia Matos e Silva**. Salvador, Edufba, 2009, p. 129-141.



Study of names in use in Riachão do Jacuípe/BA: a comparison between two 21st century synchronies

ABSTRACT:

In this article, an analysis is made of forenames used in the city of Riachão do Jacuípe, in the interior of the state of Bahia, through records found in a municipal school in the city. Documents from the years 2002 and 2022 were used, which allowed for a linguistic and historical analysis of the given names in use. The aspects analyzed were: (a) most recurrent names; (b) frequency of innovative names and traditional names; (c) use of double names, as well as their forms of organization; (d) morphological processes related to innovative names. Based on these aspects, comparing the two synchronies, the results indicate that, currently, the given names used in the city tend towards traditionalism, a fact that must also be analyzed from a socio-historical point of view.

KEYWORDS:

Anthroponyms;
First names;
Morphology;
Real-time study